

# Tudo e todos contra o crack

» TEREZA CRUVINEL  
Jornalista, foi presidente da Empresa Brasil de Comunicação (EBC)

Estamos chegando ao fim do primeiro ano do governo da primeira mulher eleita presidente pelos brasileiros. Leremos e veremos nas tevês retrospectivas diversas, umas mais generosas, outras mais severas. A economia desacelerou mais que o previsto, talvez assustada pelo discurso do próprio governo, ao justificar a política monetária amplificando os perigos da crise que assola a Europa. Os investidores se retraíram. Ao longo de todo o ano, as energias administrativas foram consideravelmente queimadas na roleta entre a imprensa e o governo que fez rolar cabeças de ministros. Essas microcrises em série, que se transformaram na marca mais forte destes primeiros 12 meses, deve ter inibido a implementação de políticas públicas diversas, especialmente na área social. Mas é auspicioso que o governo tenha lançado, na última quarta-feira, 7 de dezembro, um programa de combate ao crack, com ações mais drásticas e articuladas que as do plano lançado em 2010. Entre elas, a internação compulsória de dependentes.

O crack é um flagelo grave, precisa ser combatido com medidas enérgicas mesmo. Deve tornar-se objeto de uma cruzada nacional. Está destruindo nossa juventude, afetando milhões de famílias e comprometendo o nosso futuro. Um levantamento do CNM constatou que a droga está presente em 98% dos municípios brasileiros. Ou seja, dominou tudo. O governo não tem um número oficial de dependentes, mas a estimativa é a de que ele chegue aos 2 milhões. Sabemos que a droga vicia, principalmente, os jovens das camadas mais pobres, embora famílias de classe média também estejam sofrendo com a aniquilação de seus filhos bem-criados e bem-amados. Aliás, o crack chegou à infância. Esta semana, ouvi da doutora Esther Jiraldi — que realiza um dos trabalhos mais importantes nessa área, no Distrito Federal, sem contar com ajuda governamental — duas revelações estarrecedoras: uma,



a de que já estão sendo criadas — inclusive por ela mesma — unidades de tratamento específico para crianças dependentes do crack. Outra, a de que o DF é considerado uma escola de “pós-graduação” em uso de drogas. Falávamos a propósito de um jovem que ela acolheu e que, trazido do Rio para se afastar das drogas, aqui mergulhando mais profundamente no inferno.

O programa que Dilma lançou prevê recursos de R\$ 4 bilhões de em ações diversas. “São três verbos que implicam em ações — cuidar, prevenir e reprimir, que dizem precisamente o que pretendemos fazer”, disse ela. Entre essas ações, a criação de 308 unidades especiais do SUS, para oferecer tratamento e eventualmente a internação involuntária, que é não é uma invenção brasileira. Está prevista nas diretrizes globais da Organização Mundial de Saúde sobre o tema. Contra a medida, fala-se em direitos humanos e na importância da participação do sujeito em seu tratamento.

Só as famílias, entretanto, sabem o quanto essa medida é importante: em situações

extremas, só a internação forçada salva uma vida, e não há direito mais sagrado que o direito à vida. Quanto à participação do sujeito no tratamento, ele só terá condições de compreender sua importância quando, depois de tratado, recobrar o mínimo de consciência e sanidade mental. Sim, porque o crack detona doenças latentes ou esquizofreniza seu usuário, criando dependentes que são também doentes mentais. Nessa condição, cometem crimes bárbaros, como matar o pai, a mãe ou a avó para obter dinheiro e comprar a droga.

Divergências entre os ministros da Saúde e da Justiça parecem ter escamoteado a questão das internações, mas ela é o que há de novo, urgente e necessário. Crucial. O SUS terá de criar não apenas 308 unidades para dependentes No Distrito Federal, por exemplo, hoje existem apenas duas unidades públicas de tratamento, as Caps ADs. Uma no Guará e outra em Sobradinho. O SUS terá que criar comunidades terapêuticas capazes de receber

um grande número de dependentes, de preferência longe dos grandes centros urbanos e com serviços de ressocialização numa segunda etapa, depois que o paciente superar a fase aguda.

O ministro Padilha está no rumo certo e a presidente deve estar compreendendo isso. Quando ela prometeu, em sua campanha, um combate sem tréguas ao crack, milhões de famílias pensaram em repensar a vida mais severa ao tráfico, prevenção e educação contra as drogas, mas, também, nos cuidados com aqueles que já foram alcançados pelo mal. É sempre tempo de salvar vidas, especialmente as dos jovens, portadores do futuro. Ao futuro é que todos dedicamos nossas vidas, as mais modestas e as mais notáveis, como as dos governantes.

Internação involuntária em unidades do SUS, em casos extremos, vem sendo energeticamente defendida pelo ministro da Saúde, Alexandre Padilha. A medida está prevista pela Organização Mundial de Saúde em suas diretrizes globais sobre o tema. O ministro da Justiça, entretanto, é contra a medida.

## Saco de gatos

» JAIME PINSKY  
Historiador, professor titular da Unicamp, diretor da Editora Contexto (jaimepinsky@gmail.com)

São Paulo é o maior destino turístico brasileiro. Para cá afluem mais de 10 milhões de pessoas, brasileiros e estrangeiros, a cada ano. Ao contrário do que acontece em balneários, essa gente não fica parada nas inexistentes praias da pauliceia, mas se locomovem o tempo todo, colaborando para tornar ainda mais difícil o trânsito: compram roupas, frequentam livrarias, vão ao teatro, ao cinema e a concertos, buscam restaurantes finos, ou pizzarias e churrascarias onde o volume substitui a elegância, terminam a noite em baladas e acordam cedo para reuniões de trabalho, pretexto de muitos para virem a São Paulo. O ano todo é assim, mas em dezembro é pior. O décimo terceiro, aquele salário esperado que fingimos não esperar, é dedicado a ser gasto e São Paulo induz as pessoas a comprar. Qual Nova York cabocla (nunca Miami ou Orlando, São Paulo é cidade séria) exerce papel civilizador (na concepção de Norbert Elias). Única cidade nacional do Brasil (o Rio de Janeiro já o foi, Brasília é sede do poder, não uma cidade natural), recebe e absorve brasileiros e estrangeiros, tratando-os da mesma forma que o faz com os próprios paulistanos. Em São Paulo ninguém canta hinos

regionais ou locais, ao contrário do que fazem gaúchos e baianos, nem bate no peito exaltando a identidade. É paradoxal, mas essa cidade de italianos e japoneses, judeus e libaneses, coreanos e bolivianos, é a única grande cidade brasileira que temos. Seria muito bom se fosse bem tratada.

Vamos a outro tema. Agora que a União Europeia decidiu que não mais ajudaria instituições sediadas no Brasil, já que nosso país teria condições de se cuidar sozinho, é chegado o momento de nos olharmos não mais como subdesenvolvidos, mas como potência emergente. Isso implica nos compararmos a países europeus, aos Estados Unidos, ao Japão, à Coreia. Concorde, muitos preços já ultrapassaram os desses países, mas não era exatamente sobre isso que eu me referia. O sanduíche de carne moída custar mais aqui do que na maioria dos países não me parece prova de desenvolvimento. Já em dados mais relevantes, como percentual da população jovem que conclui a universidade, número de técnicos em nível médio formados anualmente, ou mesmo índice de analfabetos na população, jovem ou não, levamos uma enorme surra, mesmo de vizinhos como Chile, Argentina e até Bolívia.

E só há pouco tempo o MEC acordou para algo que vínhamos alertando há décadas: nenhum programa de livro escolar dará certo se não tivermos professores bem formados, bem remunerados, motivados e objeto de formação contínua, para o que um programa consequente de leitura é fundamental. Como um professor que não lê pode ensinar o amor à leitura e ao estudo? Como um professor que se nutre (nutre?) apenas do livro didático pode enfrentar alunos que se alimentam de numerosas fontes de informação que o mundo digital permite?

Os professores têm o direito de reivindicar boas condições de trabalho. E a sociedade tem o direito de exigir bons professores. O Estado deve ser apenas o mediador entre o que a sociedade deseja e os agentes concretos, aqueles que operacionalizam esses desejos. O resto é política, no mau sentido.

Mais um tema. Demógrafos garantem que crianças serão artigo racionado no futuro próximo aqui no Brasil, como já são na Europa e em outros países desenvolvidos. De fato, industrialização e urbanização (opondo-se à economia de pequenas propriedades rurais) são inimigas de crescimento demográfico.

Por outro lado, o desenvolvimento da tecnologia médica, assim como o atendimento mais rápido nas cidades do que no campo garantem uma sobrevivência maior à população. Isso tudo significa que estamos vivendo um momento demograficamente favorável da nossa economia: ainda temos um número grande de gente jovem trabalhando para um grupo ainda reduzido de aposentados.

Esse número, contudo, tende a se inverter. As famílias têm menos filhos, as pessoas vivem cada vez mais, e logo estaremos na mesma situação que países europeus (e o Japão), onde cada vez menos gente tem que manter um número de velhos cada vez maior. Lá há um agravante: o chauvinismo, que impede esses países de absorver decentemente os imigrantes que para lá acorrem para trabalhar pelos aposentados. “Trabalhar, sim, mas não competir”. “Trabalhar, sim, mas ser cidadão, não”. Nós, americanos em geral, com longa e recente experiência em assimilar estrangeiros, somos muito mais receptivos, é verdade, mas temos que aproveitar este raro momento demográfico para acumular gordura, ao período de vacas gordas está acabando.



**ARI CUNHA**

DESDE 1960

**VISTO, LIDO E OUVIDO**

aricunha@dabr.com.br  
com Circe Cunha // circecunha.df@dabr.com.br

## Depende dos motoristas

Pistas laterais foram mal construídas e a água não foi coletada. Transportada dos aterros das estradas e avenidas, as águas foram encaminhadas para terrenos dos trevos. A sequência de chuvas formou lagoas. Há estradas em que as águas haviam de cair no lago. O assoreamento tende a aumentar, e muito mais. Ocorre que, nas partes sem esgotos, a água é transferida para lagoas. O Distrito Federal está cercado de irregularidades, com a coleta de chuva. As águas deveriam começar em dezembro. Surgiram desde junho. Em continuando a mesma situação, logo mais a cidade estará uma ilha. O trânsito, você mesmo tome cuidado. Dê seta, ceda a vez, não feche o carro que ultrapassou, respeite ciclistas. O governo já está cheio de problemas. Até vale a pena distribuir um pouco da responsabilidade com os cidadãos que habitam o Planalto Central.

### » A frase que não foi pronunciada

“Não se ganha sem ter perdido antes.”

Presidente Dilma, pensando nas últimas votações.

### Transporte

» Passageiros reclamam do transporte urbano. Pelo menos cinco ônibus quebram durante a viagem. Por estratégia, as empresas colocam veículos substituíveis em vários pontos das linhas mais longas. Viajam lotados. Quando um se danifica, passa momentos esperando os da reserva. Há superlotação e descumprimento de horário. Não está bom o transporte coletivo na cidade. A população sonha em reviver o trem, mas por outro traçado, sem tantas curvas.

### Trilhão de euros

» A Itália não está bem de finanças. Dificuldades de dinheiro. Terá de pôr em prática plano de austeridade. Inclui a reforma da previdência. Para tanto, só era possível se o país vendesse um trilhão de euros em bônus. Italiano não deseja entrar em encrencas. Só que não encontra vendedores de liquidação futura.

### Veneno

» Mesmo com a proibição da Anvisa, mamadeiras, chupetas e bicos com químicos perigosos à saúde das crianças são vendidos sem controle algum. Projeto proposto pelo senador Argello proíbe o uso de bisfenol em qualquer produto de plástico.

### Piratas

» Por falar nisso, produtos chineses que entram no Brasil escapam às poucas normas adotadas. Sandálias de borracha com substâncias tóxicas na composição causam erupções na pele. Brinquedos sem classificação de segurança e produtos de beleza com qualidade duvidosa são uma ponta do iceberg de carga ilegal.

### Montaria

» Festa do peão em Las Vegas mostrou que este aqui não é só um país de samba e futebol. É país dos peões que cresceram na lavoura, ouvindo o berrante e

praticando montaria. Guilherme Marchi e Rubem Barbosa foram revelação na terra do Tio Sam. Embolsaram US\$ 1 milhão pela pontuação conquistada.

### Balanco

» Funcionários públicos demitidos no governo Collor ganharam uma comissão para analisar cada processo. O balanço apresentado pela presidente da Comissão Especial Interministerial, Érika Maria Feliz, foi o seguinte: dos 15.232 casos analisados, faltam julgar 576 — deferidos, 12.414; indeferidos, 2.242.

### Sarney

» Mais uma missa de fim de ano, tradicional no Congresso. O coral do Senado cantou parte da *Missa Tango*, de Martin Palmeri. No discurso final, o presidente da Casa cumprimentou o grupo dizendo: “Este é o melhor coral do Brasil”. Foi Sarney quem começou a estimular a formação de grupos de canto no local de trabalho. Amizade, respeito, paciência, competência e perseverança também se aprende cantando.

### Fim de ano

» Por falar nisso, vale conferir o horário de apresentações no Salão Negro do Senado. Os melhores grupos estão escalados para cantar em dois horários. A entrada é franca e aberta ao público.

### Mais

» Leve debandada no Sindicato dos Servidores do Poder Legislativo Federal e do Tribunal de Contas da União (Sindiclegis). O aumento das mensalidades assustou os filiados.

### Candangos

» Na assembleia da Associação dos Candangos Pioneiros de Brasília, Claudionor Pedro dos Santos ocupa a presidência. Na cadeira de vice, Sonia Maria Souto Silva, viúva de Ernesto Silva.

### » História de Brasília

O restaurante da americana, na 108, não tem nota de venda ao consumidor. O comprovante é um talão de caixa registradora da sorveteria americana da Rua das Laranjeiras, e as despesas de ontem levaram a data de 29 de maio de 1960. (Publicado em 30/4/1961)